



Revista de Estudios Sociales Chamada

A *Revista de Estudios Sociales (RES)* da Universidad de los Andes (Colômbia) convida a comunidade acadêmica a submeter artigos para sua edição especial:

“Perspectivas sociais e políticas da transição energética”

Editoras convidadas:

Johanna Höhl (LMU München, Alemanha)

Rosa Lehmann (Universität Heidelberg, Alemanha)

Claudia Alonso (Universidad de Chile)

Marcia Montedonico (Universidad de Chile)

María Cecilia Roa García (Universidad de los Andes, Colômbia)

Os artigos devem ser enviados entre
1º a 28 de fevereiro de 2027

Serão aceitos textos em inglês, espanhol e português, que devem cumprir com as [regras editoriais e com as instruções para autores](#) da *RES*.

Todos os artigos devem ser enviados pela plataforma:

<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/about/submissions>

Apresentação

À medida que avançam projetos para substituir fontes de energia convencionais por fontes renováveis, com o objetivo de descarbonizar o setor de energia e outras indústrias, as tensões e contradições que sustentam uma transição baseada, em grande parte, em soluções tecnológicas (McCarthy 2015) para a crise climática tornam-se mais evidentes. Numerosos estudos documentaram como esses processos reproduzem conflitos territoriais preexistentes; aprofundam as desigualdades socioecológicas associadas a infraestruturas renováveis, à extração de minerais de transição e à disputa por recursos como água e terra; e afetam desproporcionalmente comunidades e territórios

historicamente marginalizados e racializados (Barragán-Contreras 2022; Bustos-Gallardo *et al.* 2021; Combariza Díaz *et al.* 2024; Jerez *et al.* 2021; Ulloa 2021). Nesse sentido, projetos e políticas de energia renovável tendem a reproduzir as dinâmicas de conflito e as assimetrias de poder que caracterizam o sistema centralizado de energia fóssil.

Pesquisas críticas têm apontado repetidamente que a dependência em relação aos combustíveis fósseis não parece estar diminuindo e que sua dimensão política é cada vez mais evidente: a transição para um sistema energético descarbonizado, longe de ser um processo técnico neutro, coloca em questão paradigmas fundamentais de organização social. É, na verdade, um processo desordenado, contingente e conflituoso, marcado por assincronias e contradições temporais e espaciais, cujo desfecho permanece aberto e é objeto de contestação, tanto pelas ações de atores desiguais quanto por resistências localizadas em diferentes escalas (Scoones *et al.* 2015). Tensões em torno da segurança energética, da competição geopolítica por minerais e espaços de produção (Kuzemko *et al.* 2025), das metas de emissões líquidas zero (*net-zero*), da crescente demanda energética associada às metas de redução da pobreza energética e à digitalização e expansão da inteligência artificial, bem como dos altos custos de transformação do sistema energético em escala global — discutidos em termos de transição justa (Alarcón 2023; Mejía-Montero 2025; Pucheta e Sánchez 2022) —, são uma expressão dessas tensões.

Este dossiê tem como objetivo examinar como as atuais mudanças e tensões geopolíticas afetam as geografias da América Latina e do Caribe (ALC) e, reciprocamente, como os processos que ocorrem na região moldam as disputas e objetivos em torno da energia e sua transição. O objetivo é analisar as condições sociais em mudança em diferentes áreas e suas inter-relações: por que e como conflitos e desigualdades são reproduzidos, intensificados ou atenuados; quais atores estão envolvidos; quais decisões e processos de governança levam a quais resultados; quais narrativas divergentes e imaginários são articulados em torno da energia e da transição energética.

A materialidade e a espacialidade da energia constituem dimensões analíticas centrais deste dossiê. Isso implica atentar para as infraestruturas energéticas, para os resíduos e legados do sistema fóssil, para as práticas diárias de geração e consumo, e para a forma como as materialidades, em sua concretização territorial, configuram os processos sociais em torno das transições e são por eles configuradas (Ávila-Calero 2025). A análise dessas materialidades nos permite compreender tanto os desafios da mudança tecnológica quanto os padrões de desigualdade que são (re)produzidos em seu nome. No campo do uso do solo e da alimentação, existe uma vasta literatura sobre competição por recursos (solo e água) entre diferentes setores produtivos, bem como sobre modelos alternativos como a agroecologia. No âmbito da transição energética, por outro lado, o foco tem recaído predominantemente em tecnologias e infraestruturas intensivas em capital, cuja implantação pode ser, na melhor das hipóteses, descentralizada ou baseada na comunidade, deixando em segundo plano a possibilidade de repensar as relações sociais com a energia (Torres Wong e Maserà 2023).

A urgência da descarbonização não favoreceu uma reflexão mais detida sobre as concepções e representações sociais da energia, suas tecnologias e seus impactos e, consequentemente, sobre os discursos, pressupostos e narrativas que a enquadram. A transição energética tem, estritamente falando, um caráter experimental e cíclico: historicamente, as sociedades transitaram entre várias fontes de energia, privilegiando aquelas com maior

densidade energética e menor demanda de área superficial (Smil 2016). As crescentes demandas por energia, juntamente com a aspiração à descarbonização, revelam contradições em torno do território, do espaço e do futuro energético que os diferentes atores moldam de maneira diferente.

A dimensão discursiva, simbólica e estética da transição energética é igualmente ineludível. Os imaginários sociotécnicos que orientam as políticas energéticas — e que frequentemente são apresentados como neutros ou inevitáveis — são, na realidade, construções históricas e políticas que naturalizam certas relações de poder e excluem outras formas de entender e habitar territórios energéticos. A análise crítica desses imaginários, das narrativas de progresso e energia da modernidade e das estéticas que acompanham os projetos de transição torna possível dar visibilidade tanto aos interesses que os sustentam quanto às alternativas que silenciam.

A experiência do Caribe diante da intensificação de eventos climáticos extremos e da elevação do nível do mar gerou uma prática e discussão teórica sobre governança comunitária e autonomia energética (Rivera-Rodríguez *et al.* 2025) que repensam os conceitos de *vulnerabilidade* e *gestão de riscos* de uma perspectiva de transição socioecológica. De forma complementar, a fusão da atividade acadêmica e da prática artística que caracterizou os movimentos sociais da região da ALC está abrindo espaços para a construção de imaginários e léxicos alternativos ao entendimento da transição energética como um *techno-fix*. Cartografias alternativas para territórios energéticos, apoiadas por práticas artísticas, e exercícios de visualização territorial coletiva em torno da energia surgiram na região como forma de desafiar narrativas hegemônicas sobre futuros energéticos. Por exemplo, propostas de coletivos como Iconoclastas e GeoBrujas partem de uma prática estética e prazerosa da geografia para transformar relações espaciais em contextos de extrativismo energético.

Diante desses paradoxos e tensões, este dossiê propõe abordar a transição energética não apenas sob uma perspectiva técnica e infraestrutural, mas como um fenômeno social, político, discursivo, multiescalar, material e afetivo. O objetivo é examinar as relações sociais em torno da energia e da transição energética, e tornar visíveis práticas e formas de representação que, de uma forma ou de outra, questionem a transição conforme formulada pelas metas nacionais de energia ou por organizações internacionais (Chemes 2023; Temper *et al.* 2020). A contribuição das Ciências Sociais é essencial não apenas para compreender melhor os desafios e barreiras da mudança tecnológica, mas também para iluminar a multiplicidade de contextos, ideias e práticas ligadas à transição energética. Este dossiê tem como foco contextos da ALC, onde os impactos materiais, simbólicos e territoriais da transição se manifestam, entre outras áreas, na mineração de lítio e cobre, mas também na expansão de vastos parques eólicos e solares.

Um eixo articulador desta edição especial é a vontade de questionar a hierarquia, implícita ou explícita, que frequentemente opera na produção do conhecimento acadêmico, segundo a qual a ALC constitui uma periferia fornecedora de casos empíricos, enquanto a formulação teórica é concebida como uma tarefa “universal” (traduzida, na prática, como anglo-americana). Pelo contrário, buscamos tornar visíveis as abordagens teóricas e os conceitos desenvolvidos na ALC que contribuem para entender a energia, a transição energética e a transformação socioecológica como processos abertos, fragmentados e são objetos de contestação, inseridos nas relações globais de poder que produzem

territorialidades concretas. Dos debates sobre dependência, decolonialidade e feminismo (Lugones 2010; Quijano 2000), passando pelas geografias da territorialidade (Morales *et al.* 2024) e pelo conceito de *zona de sacrificio* (Valenzuela-Fuentes *et al.* 2021), até a abordagem do corpo-território como escala espacial e local de resistência (Cabnal 2010; Zaragocín e Caretta 2021), a região possui sua própria tradição conceitual cujo poder analítico este dossiê busca destacar.

Chamada e contribuições sugeridas

Nesse contexto, o dossiê busca oferecer uma contribuição por meio de estudos empíricos e reflexões conceituais que analisem os impactos da transição energética em diferentes localidades e escalas da ALC e que contribuam, a partir das Ciências Sociais e, em particular, da geografia crítica, para uma compreensão mais nuançada, situada e politicamente engajada desses processos. Pesquisas no campo da geografia humana mostraram que a transição energética baseada em mudanças tecnológicas, sem transformar as relações humano-matéria, humano-energia e humano-natureza, expande o extrativismo e aprofunda a espoliação e a desigualdade, especialmente em regiões marcadas por uma história de colonialidade.

Agradecemos o envio de propostas relacionadas aos temas descritos aqui, embora outras contribuições que abordem questões relacionadas também sejam bem-vindas. Artigos científicos, ensaios fotográficos, projetos multimídia ou digitais, e outras formas alternativas de apresentação são aceitos. As propostas podem ser baseadas em material empírico ou ter um caráter predominantemente conceitual.

As contribuições devem estar vinculadas a um dos três blocos temáticos do dossiê descritos a seguir.

1. Materialidades, espacialidades, temporalidades

A transição energética não é apenas um processo tecnológico: envolve transformações concretas em territórios, corpos, ecologias e tempos. Este bloco nos convida a refletir sobre como os espaços energéticos são produzidos e transformados; quais legados socioespaciais e temporais os combustíveis fósseis deixam em locais onde novas infraestruturas são projetadas; e como materialidades específicas (minerais críticos, vento, radiação solar) geram diferentes configurações territoriais, conflitos e imaginários sobre o futuro. Entre as perguntas que orientam este bloco, destacam-se:

- Como os espaços energéticos são produzidos e (re)transformados? Quais resíduos e legados socioespaciais os combustíveis fósseis deixam nos territórios onde estão projetadas novas infraestruturas?
- Como as decisões energéticas afetam corpos, ecologias e temporalidades em territórios específicos?
- Qual é o papel da materialidade na produção de espacialidades e temporalidades energéticas?
- Como os conflitos e imaginários em torno do lítio ou do cobre são diferentes daqueles associados à energia solar, que, em princípio, pode ser capturada em vários lugares?

- Quais são os diferentes sociometabolismos associados a diferentes recursos e fontes de energia, e quais implicações eles têm para a economia política, para a governança e para as narrativas sobre transformação socioecológica por meio de energias renováveis?
- Como a relação entre recursos energéticos, terra, água e minerais é estabelecida e evolui ao longo do tempo?

2. Discursos, símbolos, estéticas, visões do futuro

Os processos de transição energética não transformam apenas infraestruturas e territórios, mas também os referenciais de sentido a partir dos quais o futuro energético é compreendido e contestado. Esse bloco nos convida a examinar os imaginários sociotécnicos que orientam, e frequentemente naturalizam, certas trajetórias de transição; as estéticas e os regimes de visibilidade que acompanham projetos energéticos; e práticas culturais e artísticas que abrem espaços para imaginar futuros alternativos. Também propõe explorar como narrativas sobre transição são articuladas com discursos mais amplos sobre progresso, desenvolvimento e risco. A seguir, algumas das perguntas que orientam este bloco:

- Quais são os imaginários sociotécnicos e as propostas de diferentes atores que são articulados no processo de transição energética (por exemplo, em torno da justiça energética)? Quais discussões ocorreram sobre eles sob perspectivas críticas e decoloniais?
- Quais são as ideias, imagens e imaginários de uma estética e ética da transição energética? Como essas imagens são produzidas e circulam, incluindo aquelas promovidas por atores poderosos como a indústria de combustíveis fósseis ou grandes consórcios de energias renováveis?
- De que maneira as narrativas de transição energética se alimentam e se inter-relacionam com imaginários de futuros incertos, colapsos, expectativas de progresso e desenvolvimento, ou até mesmo regressão?
- Como os conflitos socioambientais são expressos e articulados em torno de projetos de energia renovável ou da extração de minerais críticos?
- Quais experiências comunitárias, territoriais ou populares oferecem alternativas aos modelos energéticos dominantes? Como propõem diferentes modalidades (por exemplo, energias relacionais, circulares ou vinculadas ao corpo humano) que interpelam a narrativa hegemônica da energia linear?

3. Relações sociais

A transição energética envolve profundas reconfigurações das relações sociais: entre atores do Estado, do mercado e das comunidades; entre escalas local, nacional e global; e entre benefícios e ônus distribuídos assimetricamente. Este bloco nos convida a examinar as formas de governança, participação e conflito que emergem sob o imaginário da transição, bem como as desigualdades, as espoliação e as exclusões que são reproduzidas ou transformadas em seu nome. Entre as perguntas orientadoras do bloco, destacam-se:

- Quais formas de governança energética, participação democrática e conflito socioambiental emergem sob o imaginário da transição energética?
- Como se configuram os processos de transição energética na ALC e quais atores estão impulsionando ou resistindo a eles? Quais marcos regulatórios, arranjos institucionais e instrumentos financeiros estruturam as decisões energéticas na região?
- Quais formas de desigualdade, espoliação ou exclusão são reproduzidas ou transformadas em nome da transição energética?
- Quais oportunidades os processos de transição energética apresentam para iniciativas comunitárias e locais?
- Como são promovidos saberes e práticas sociais, em nível local, que constituam alternativas aos modelos energéticos existentes?
- Quais novas práticas estão surgindo em relação à energia e à transição energética?
- Como o “extrativismo verde” e as relações neocoloniais em diferentes escalas são problematizadas com a reconfiguração das dependências? Como analisar os conflitos entre atores dentro de países e regiões (entre elites, entre classes populares e elites, entre populações urbanas e rurais) para além do enquadramento do neocolonialismo?

Perspectivas transversais e metodologias experimentais

Além disso, o dossiê está aberto a contribuições transversais que utilizem metodologias experimentais ou não convencionais para investigar os impactos sociais e territoriais da transição energética sob uma perspectiva crítica. Isso inclui, entre outros, cartografia crítica, diferentes formas de visualização territorial, ensaios fotográficos, projetos multimídia ou digitais e outras modalidades de produção de conhecimento que articulam a prática artística e o rigor analítico. Essas contribuições podem investigar quais metodologias são relevantes para analisar os impactos sociais e territoriais da transição sob uma visão crítica, e quais são as implicações éticas da produção de imaginários sobre futuros energéticos. Portanto, artigos científicos convencionais e contribuições que adotam esses formatos alternativos de apresentação são aceitos.

Referências

1. Alarcón, Pedro. 2023. "Old and New Challenges of the Energy Transition: Insights from South America". *South African Journal of International Affairs* 30 (2): 263-278. <https://doi.org/10.1080/10220461.2023.2221227>
2. Ávila-Calero, Sofia. 2025. "Solar Capitalism: Accumulation Strategies and socio-ecological Futures". *Sustainability Science* 20 (4): 1541-1556. <https://doi.org/10.1007/s11625-025-01662-2>
3. Barragán-Contreras, Sandra Jazmín. 2022. "Procedural Injustices in large-scale Solar Energy: A Case Study in the Mayan Region of Yucatan, Mexico". *Journal of Environmental Policy & Planning* 24 (4): 375-390. <https://doi.org/10.1080/1523908X.2021.2000378>
4. Bustos-Gallardo, Beatriz, Gavin Bridge e Manuel Prieto. 2021. "Harvesting Lithium: Water, Brine and the Industrial Dynamics of Production in the Salar de Atacama". *Geoforum* 119: 177-189. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2021.01.001>
5. Cabnal, Lorena. 2010. "Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala". Em *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*, coordinado y editado por Acsur-Las Segovias, 11-25. Madri: Acsur.
6. Chemes, Jorge. 2023. "Narrativas de transición energética. Un análisis desde la epistemología del Sur". *Ecología Política* 65: 66-71. <https://doi.org/10.53368/EP65TEbro2>
7. Combariza Díaz, Nadia, Julia Schwab e Stefan Peters. 2024. "El iceberg de las transiciones justas". En *Transición energética, justicia y desarrollo*, editado por Gonzalo A. Vargas, 41-62. Bogotá: Universidad de los Andes.
8. Jerez, Bárbara, Ingrid Garcés e Robinson Torres. 2021. "Lithium Extractivism and Water Injustices in the Salar de Atacama, Chile: The Colonial Shadow of Green Electromobility". *Political Geography* 87: 102382. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2021.102382>
9. Kuzemko, Caroline, Mathieu Blondeel, Michael Bradshaw, Gavin Bridge, Erika Faigen e Louis Fletcher. 2025. "Rethinking Energy Geopolitics: Towards a Geopolitical Economy of Global Energy Transformation". *Geopolitics* 30 (2): 531-565. <https://doi.org/10.1080/14650045.2024.2351075>
10. Lugones, María. 2010. "Toward a Decolonial Feminism". *Hypatia* 25 (4): 742-759. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>
11. McCarthy, James. 2015. "A Socioecological Fix to Capitalist Crisis and Climate Change? The Possibilities and Limits of Renewable Energy". *Environment and Planning A: Economy and Space* 47 (12): 2485-2502. <https://doi.org/10.1177/0308518X15602491>
12. Mejía-Montero, Adolfo. 2025. "Energy Justice in Latin America: Exploring a Growing Agenda". En *Energy Justice in America: Reflections, Lessons and Critiques*, editado por Adolfo Mejía-Montero, 3-21. Londres: Routledge.
13. Morales, Diana, Laura Sariego-Kluge e Tiago Teixeira. 2024. "Territories as Practice for Economic Transformations. Insights from Latin American Geography". *Geoforum* 154: 104062. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2024.104062>
14. Pucheta, Mauro e Ana Belén Sánchez. 2022. *Just Transition in the Global South: Perspectives from Latin America*. Bruselas: ETUI.
15. Quijano, Aníbal. 2000. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina". Em *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*, compilado por Edgardo Lander, 201-246. Buenos Aires: Clacso.
16. Rivera-Rodríguez, Sergio, Nelson Varas-Díaz, Sheilla Rodríguez-Madera, Mark Padilla, Kariela Rivera-Bustelo, Genevieve Reid et al. 2025. "Powering well-being: Energy Independence and Mental Health in a Zone of Ongoing Disasters". *Health & Place* 91: 103418. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2025.103418>
17. Scoones, Ian, Peter Newell e Melissa Leach, eds. 2015. *The Politics of Green Transformations*. Londres: Routledge.
18. Smil, Vaclav. 2016. *Power Density: A Key to Understanding Energy Sources and Uses*. Cambridge, MA: MIT Press.
19. Temper, Leah, Sofia Avila, Daniela Del Bene, Jennifer Gobby, Nicolas Kosoy, Philippe Le Billon et al. 2020. "Movements Shaping Climate Futures: A Systematic Mapping of Protests Against Fossil Fuel and low-carbon Energy Projects". *Environmental Research Letters* 15 (12): 123004. <https://doi.org/10.1088/1748-9326/abc197>
20. Torres Wong, Marcela e Omar Masera. 2023. "Sistemas energéticos rurales: justicia y sustentabilidad". *Ciencias y Humanidades* (7): 72-83.
21. Ulloa, Astrid. 2021. "Transformaciones radicales socioambientales frente a la destrucción renovada y verde, La Guajira, Colombia". *Revista de Geografía Norte Grande* (80): 13-34. <https://doi.org/10.4067/S0718-34022021000300013>
22. Valenzuela-Fuentes, Katia, Esteban Alarcón-Barrueto e Robinson Torres-Salinas. 2021. "From Resistance to Creation: Socio-Environmental Activism in Chile's 'Sacrifice Zones'". *Sustainability* 13 (6): 3481. <https://doi.org/10.3390/su13063481>
23. Zaragocin, Sofia e Martina Ángela Caretta. 2021. "Cuerpo-Territorio: A Decolonial Feminist Geographical Method for the Study of Embodiment". *Annals of the American Association of Geographers* 111 (5): 1503-1518. <https://doi.org/10.1080/024694452.2020.1812370>